

A Bixa Baleia ou a história de um manuscrito sobre o maravilhoso do mar

Joana Gaspar de Freitas

Faculdade de Letras, Centro de História da Universidade de Lisboa e IELT, (NOVA FCSH)
Universidade Nova de Lisboa,

Cristina Brito

CHAM (Centro de Humanidades, NOVA FCSH), Universidade Nova de Lisboa e UAç,
Portugal;

Quando se fala de baleias há uma associação quase imediata ao mar, ao grande azul, que é o seu ambiente natural. Estes mamíferos de grande porte transformaram-se, no século XX, em ícones da preservação animal, bandeiras da protecção dos ecossistemas marinhos em risco, por causa das alterações ambientais globais.

As baleias têm aos nossos olhos um fascínio especial, produzem uma espécie de encantamento, pela sua dimensão e estranheza. Quem não viu filmes ou documentários sobre estes animais que se deslocam com uma harmonia surpreendente no elemento líquido, emitindo sons únicos que parecem música? Se estes simpáticos animais são motivo de assombro nos dias de hoje, como seria outrora, quando poucos tinha oportunidade de os vislumbrar no mar e outros, menos ainda, apenas

conheciam os seus corpos decompostos, putrefactos, expostos numa qualquer praia, deixados ao abandono pelas ondas? As baleias que encontramos nos arquivos e bibliotecas – porque elas também vivem no papel – revelam que quando o mar cuspiu os seus monstros, as populações acorriam, num misto de espanto e temor, para se maravilharem com os prodígios do mundo marinho.

Os arrojamentos de cetáceos, em particular de grandes baleias, e de inúmeras espécies de peixes, como o tubarão-baleia, tubarão-frade e outros, são comuns na costa continental portuguesa e estão referidos em diversos tipos de fontes históricas, escritas e iconográficas, desde a época medieval até ao momento atual (Sousa / Brito, 2011; Brito / Costa, 2016). Apesar de frequentes, eram eventos extraordinários pelo impacto visual e experiência de contacto com a realidade marinha. Esta sensação do extraordinário, do espantoso e do deslumbramento justifica o seu aparecimento em fontes portuguesas tal como nas de outras nações europeias. O século XVIII, note-se, foi pródigo em trazer à luz, ou seja, ao conhecimento de toda a sociedade, através das suas publicações jornalísticas e panfletárias, inúmeros acontecimentos de seres marinhos arrojados nas costas da Europa e de seres monstruosos e estranhos de todos os reinos da natureza. A curiosidade comum tornava estas notícias em verdadeiros best-sellers da época com várias cópias e diferentes tipos de publicações impressas e manuscritas a serem produzidas.

Um dos melhores exemplos que conhecemos é caso da baleia que entrou no Tejo e que, tendo ficado encalhada junto a Cacilhas, foi trazida para a praia da Ribeira das Naus, em Janeiro de 1723. A *Gazeta de Lisboa* (14-01-1723; 21-01-1723) deu destaque ao evento falando do grande peixe, de origem desconhecida, que tinha aparecido e sobre o qual se aventaram várias possíveis explicações. Na falta de conhecimento concreto, foi o animal pormenorizadamente descrito, destacando-se sobretudo as suas grandes dimensões e estranha forma. O interesse suscitado por este cetáceo é evidenciado pela divulgação no órgão oficial da época, a dita *Gazeta*, e pelo facto de a informação ter chegado a Londres, como comprova um documento, com uma cópia da notícia e a tradução da mesma em inglês, encontrado na *Royal Society*¹: “*Lisbon, 21 January 1723. The great fish, that came into this harbour last week no body can say to have a certain knowledge of his species*”.

¹ Manuscrito (Cl.P_15i_73).

Este caso é ainda mais curioso por causa de uma outra descoberta, feita na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Com efeito, nas primeiras páginas de um livro manuscrito (Santa Maria, 1723), pertencente a Frei Manoel de Santa Maria d’Avis (ou Assis), da Ordem Terceira de S. Francisco, encontramos uma descrição rica e colorida da animação que se viveu em Lisboa por causa da dita baleia que, em 1723, foi trazida para a Ribeira das Naus. O livro mencionado faz parte de um conjunto de 10 tomos, que contêm textos, poesias e anotações, destinados aos sermões de Frei Manoel que, à data, era leitor de vésperas² no Convento de Nossa Senhora de Jesus. Sobre o autor sabemos muito pouco e quase toda a informação provém dos livros que deixou³. Assim, em 1702, segundo o primeiro volume, era já leitor de vésperas, posição que terá exercido durante mais de 20 anos. Em 1728, exercia também as funções de Qualificador do Santo Ofício⁴ e, em 1731, estava no Colégio de São Pedro de Coimbra, como leitor de prima⁵. Terá regressado Convento de N. S.^a de Jesus, pois, em finais dos anos de 1730 era ali leitor jubilado. A última informação sobre frei Manoel é de 1740, ano em que, provavelmente já com alguma idade (dada a sua condição de jubilado), para além dos serviços exercidos para o Santo Ofício⁶, ocupava cargos de maior relevância, como o de Comissário dos Terceiros e Definidor da Província da Ordem Terceira de Portugal⁷. Para além destas escassas informações, depreendemos da leitura dos seus versos que, na sua juventude (talvez entre 1702 e 1728), terá estado no Brasil,

² As horas canônicas eram as antigas divisões do tempo adoptadas na vida monástica, correspondiam a horas fixas para a recitação diária das orações. As vésperas ocorriam ao final do dia / princípio da noite.

³ Listados em: Academia das Ciências de Lisboa (1986).

⁴ Os qualificadores do Santo Ofício eram religiosos que tinham a seu cargo a leitura e censura dos livros e de toda a produção intelectual. Cabia-lhes aprovar ou reprová-los antes da publicação e a sua inclusão no Índice de livros proibidos. Cf. Lopes (2016: 99).

⁵ Cf. Nota 2. A Prima era a oração da manhã.

⁶ Em 1739, terá feito a leitura e verificação da obra *Claustro Franciscano, erecto no domínio da coroa portuguesa...*, de Frei Apolinário da Conceição, tendo dado aprovação para a sua publicação, como consta das primeiras páginas do dito livro. Esta é a única indicação que temos sobre Frei Manoel que não provém dos livros conservados no Convento de N.S. de Jesus e depois na Biblioteca da Academia das Ciências.

⁷ O Convento de Nossa Senhora de Jesus era sede da Província da Ordem Terceira da Penitência de Portugal e nele residia o pessoal do governo da Província. Deste fazia parte um Conselho ou Definitório. Ao que tudo indica, Frei Manoel de Santa Maria terá desempenhado funções neste governo. Cf. Lopes (1972).

mais precisamente na Baía⁸, onde terá tido oportunidade de ver muitas baleias. Isto explicaria o tom quase jocoso com que comenta o pasmo dos lisboetas que corriam a ver o bicho. Mais de um século depois, quando o convento foi extinto e os seus bens passaram para o Estado⁹, o edifício e a biblioteca foram entregues à Academia das Ciências (Lopes, 1972: 55-56), o que explica a existência do manuscrito naquela instituição.

Os versos de Frei Manoel sobre a baleia – a *bixa* real ou a Dona *Balea* da Costa – são notáveis pelo colorido com que relatam a agitação gerada pelo animal, descrevendo o povo que corria à praia para ver a novidade. O tom que adopta é irónico, mas também crítico, as gentes abalaram da cidade por capricho, sendo que para o autor se afigurava mais “monstruosa” a atitude da população – até pancadaria houve – do que o próprio animal, que jazia na areia, fedendo. Nas suas palavras, estava Lisboa pasmada por ver uma baleia e ele, que vira tantas transformadas em óleo no Brasil, ria do ridículo da situação.

A descoberta deste manuscrito e do seu conteúdo é particularmente relevante no contexto da análise das práticas e percepções relacionadas com baleias no passado, fosse em Portugal, na Europa ou nos diferentes espaços do mundo Atlântico. A baleia tinha – e continua a ter (...e quem diz a baleia, diz o mar) – um duplo significado, o mítico e o mundano. Mas as suas principais características – a monstruosidade (Hendrikx, 2018) e a maravilha (Brito *et al.*, 2019) – mantêm-se intrínseca e inexoravelmente ligadas a este animal de um modo transversal a cronologias, contextos e culturas.

⁸ A Ordem Terceira estava também implantada no Brasil, pelo que é possível ter passado uma temporada na Baía. No princípio do século XVIII, arrancavam as obras para a construção da igreja de São Francisco, que hoje faz parte do Centro Histórico de Salvador, classificado como Património da Humanidade pela UNESCO. Cf. Flexor (2010).

⁹ Em 1834, na sequência da Revolução Liberal e da extinção das ordens religiosas em Portugal.

Transcrição do Manuscrito da Academia de Ciências de Lisboa

Este Livro he uso do P.M. Fr. Manoel de S^{ta} Maria Leytor de vespera neste conv.^{to} de N. S.^{ra} de Jesus na era de 1723 tem noventa e oito folhas. neste anno appareceu na ribeira de L^{xa} huã balea p^a cuja vista concorreo toda a gente da cidade

Decimas a Balea novam acrescentadas

1.

Correndo vai pella posta
hoje todo Portugal
a ver a bixa real
Dona Balea da Costa;
porem como o povo gosta
da novidade hã de crer,
Q^e a hã de tornar a ver
no dia, q^e se partir,
e como conforme ha de ir
pella posta ha de correr.

2.

De donaire o molherio
foi com mais razão buscalla
pois de quem lhe dera agalla¹⁰
queria ver o feitio:
vio hu[m] casco de navio
com aquilha p^a o ar,
pelo qual indo a puchar

qto/qdo (?) o Provedor encerra
Custou vir hu[m] casco à terra
mais q^e deitar dois ao mar.

3.

A gente q^e por capricho
aballou desta Cidade,
foi huã monstrozidade
inda mayor q^e o bixo:
os rapazes a pê fixo
se atollavão na area,
não he couza q^e se crea
pois por todos os caminhos
querião como golfinhos
manjar na boa Balea.

4.

A certa porta vedada
vi eu chegar valentóis
q^e entravam aos bofetóis, (p. 1)
Sahirão a pancada
Algu[m] q^e era peixe espada
em peixe páo de carreira
se voltou de tal maneira
q^e eu tive por cazo novo
ver q^e se matava o povo
em ir por peixe à ribeira

¹⁰ Talvez possa ler-se “a gala”, com o mesmo sentido de hoje: elegância, festa. Cf. Bluteau (1712-1728).

5.

Barcos de frades se vião
 sahindo do seu encerro
 Q^e cuidei hião ao enterro
 Porq^e algu[n]s à vella hião
 ao cadaver assistião
 talvez por vontade alhea
 pois de hu[m] q^e mais se pentea
 Se entendeo sobindo assima
 Q^e hia p^a sua Prima
 buscar barbas de balea.

6.

Da postema¹¹ ou ferim^{to}
 Q^e matou ao baleote
 entrou logo o Aliote
 a tomar conhecim^{to}
 do nariz fez instrom^{to}
 tenteando as qualidades
 julgou q^e de frialdades
 a balea morreria,
 e eu também no q^e edia?
 vi erão ventosidades.

7.

Por tres paos estava injado / insado?
 sendo bem criminalm^{te}
 o pobre do padecente,
 depois de morto enforcado,
 mas tudo bem empregado
 naquelle corpo se via
 e mais penas merecia
 este de culpas aborto
 porq^e athe depois de mor^{to}
 matava no q^e fedia.

8.

Do pezo não digo nada
 do monstro pouco me assusta
 Q^e eu já sei o q^e custa
 qualquer fantasma pezada
 de estar Lisboa pasmada
 e com a barriga chea
 Sô de ver huã Balea
 me rio eu porq^e via
 mil desfeitas na Bahia
 à luz de qualquer candeia

9.

O peixe foi real pessa,
 pore[m] m^{to} mais o alinha,
 que[m] adivinhou q^e tinha
 huã pedra na cabeça
 e se hã home q^e conheça
 por discurso material
 o casco deste animal
 entenderei realmente
 Q^e isto q^e vio no seu Ente
 he a pedra filozofal.

10.

Em funções me tenho achado
 de gente miuda, e grossa,
 E não vi tanta velha moosa,
 nem tanto mosso barbado,
 nem vi cazo mais falado
 desde q^e na corte assisto
 emfim acabo com isto
 dizendo, q^e por primeiro
 foi este bixo estrangeiro
 em Lisboa o mais bem visto.»
 (p. 2)

¹¹ Abscesso ou inchaço, segundo Pereira (1697).

Bibliografia

- Academia das Ciências de Lisboa (1986), *Catálogo de Manuscritos, Série Vermelha*, II (n.º 500-980), Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa.
- Bluteau, Rafael (1712-1728), *Vocabulario Portuguez e Latino*, Coimbra, Lisboa, Lisboa Colégio das Artes, Pascoal da Sylva, Joseph Antonio da Sylva, Patriarcal Oficina da Musica.
- Brito, C. / Costa, L. (2016), "Baleias em circulação: Uso de imagens na produção e transferência de conhecimentos de história natural marinha em Portugal do Século XVIII", *Arquivos de Zoologia*, n.º 47, pp. 33-42.
- Brito, C. / Vieira, N. / Freitas, J.G. (2019), "The wonder whale: a commodity, a monster, a show and an icon", *Anthropozoologica*, n.º 54 (3), pp. 13-27.
- Flexor, Maria Helena Ochi (2010), *Igrejas e Conventos da Bahia. Roteiros do Património*, Iphan, Programa Monumenta.
- Gazeta de Lisboa Occidental* (1723-1735), Lisboa. <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/GazetadeLisboa.htm>
- Hendriks, S. (2018), "Monstrosities from the Sea. Taxonomy and tradition in Conrad Gessner's (1516-1565) discussion of cetaceans and sea-monsters", in Jacquemard C., Gauvin B., Lucas-Avenel M.-A., Clavel B. & Buquet T. (éds), *Animaux aquatiques et monstres des mers septentrionales (imaginer, connaître, exploiter, de l'Antiquité à 1600)*, *Anthropozoologica*, n.º 53 (11), pp. 125-137.
- Lopes, Bruno (2016), "A Inquisição nas Terras Periféricas: Comissários, Notários e Familiares do Santo Ofício em Montemor-o-Novo (sécs. XVI-XIX)", *Almazor. Revista de Cultura*, n.º 2 (3).
- Lopes, F. Félix (1972), "Manuscritos do Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa no Arquivo da Cúria Patriarcal", *Lusitania Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Eclesiástica*, n.º 9, pp. 55-77.
- Pereira, Bento (1697), *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta... Septima editio auctior, et locupletior ab Academia Eboresi*, Évora, Tipografia da Academia.
- Santa Maria, F. Manoel de (1723), *Este Livro he uso do P.M. Fr. Manoel de S^{ta} Maria Leytor de vespera...*, Cota Vermelha 569 [manuscrito]. Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.
- Sousa, A. / Brito, C. (2011), "Historical strandings of cetaceans on the Portuguese coast: anecdotes, people and naturalists", *Marine Biodiversity Records*, n.º 4 (e102), pp. 1-7.

